



REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Uma oportunidade para o livre pensar

Vol. 28 – Ano 14 – Nº 28 – 2º semestre/2026
<http://revistatransdisciplinar.com.br>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

8 – O SAGRADO FEMININO E O CÍRCULO DE MULHERES DA RESISTÊNCIA AO RETORNO À TOTALIDADE*

Valquiria Barros¹

RESUMO: Este artigo apresenta uma breve discussão sobre o florescimento do Movimento do Sagrado Feminino e dos Círculos de Mulheres, que são entendidos como instrumentos de resistência e de revitalização do feminino frente a sua subalternização histórica. A emergência contemporânea desses grupos pode ser interpretada como uma resposta insurgente contra o paradigma vigente, marcado pela predominância da ciência ocidental e de suas estruturas culturais marcadas pelo falocentrismo patriarcal. A pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa e interpretativa e na revisão bibliográfica e análise transdisciplinar, dialogando com antropologia e a psicologia como viés de análise. Os resultados indicam que a reapropriação da figura da Grande Deusa, enquanto recurso discursivo contribui para reposicionar a mulher no centro do simbólico, promovendo uma reconfiguração do universo simbólico feminino.

PALAVRAS-CHAVE: Sagrado Feminino. Círculo de Mulheres. Resignificação. Resistência.

INTRODUÇÃO

A modernidade instituiu a racionalidade científica como paradigma hegemônico de produção de conhecimento, marginalizando e deslegitimando saberes tradicionais e outros modos de compreensão da realidade. Fundamentado em princípios materialistas,

dualistas e deterministas, o projeto moderno consolidou-se na crença de que apenas a ciência oficial detém legitimidade epistemológica, naturalizando-se como única via de explicação do mundo (Foucault, 2018).

A transição da sociedade tradicional para a contemporaneidade, marcada por um processo de fragmentação de valores

*Este artigo originou-se de investigação de doutoramento realizada com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (2023). Trata-se de uma síntese dos principais conceitos abordados na pesquisa. Versões ampliadas foram publicadas em: BARROS, V. A insurgência do círculo de mulheres na contemporaneidade como revanche à opressão patriarcal. **Veredas - Revista Interdisciplinar de Humanidades**, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 65-85, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unisa.br/index.php/veredas/article/view/509>. BARROS, V. Sagrado feminino e experiência corporal: representações do eu em mídias sociais. **Revista Comunicação, Cultura E Sociedade**, 9(1), 2024. <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/11800>.

¹ Doutorado e mestrado em Humanidades, culturas e artes (Unigranrio); mestrado em Biociências (Educação, gestão e difusão de ciência) (UFRJ); Formação em Psicologia Analítica Junguiana (Instituto Távola); Especialização em Educação (Ministério da Educação); pós-graduação em Economia (UFRJ); graduação em Ciências Sociais (UERJ); graduação em Comunicação Social (UFRJ). Participante colaboradora do Projeto: Inovação e Inclusão na Fundação Cecierj 2025: Integrando Tecnologia e Acessibilidade na Divulgação Científica e Educação à Distância (CNPq/MCTI).

universais, anuncia, conforme Lipovetsky (2004), uma profunda transformação na constituição do sujeito e de sua forma de se relacionar com o outro e com o tempo. O sujeito contemporâneo emerge centrado na individualidade, num contexto em que prevalece o pluralismo de sentidos e a ausência de uma verdade unívoca. Tal configuração exprime o que Spengler (2009) denomina de “destino geral da efemeridade”, enfatizando a instabilidade global como um risco permanente.

Diante da ascensão da experiência subjetiva individualizada, observa-se uma valorização crescente da espiritualidade como elemento fundamental na busca por bem-estar e equilíbrio existencial. Essa espiritualidade se ancora no corpo e é permeada por uma psicologização das vivências pessoais, configurando novas formas de produção de sentido.

Nesse sentido, a subjetividade passa a ser articulada a partir das experiências sensoriais e corporais, deslocando-se do eixo razão-cérebro para o eixo corpo-sensação. O corpo, nesse contexto, torna-se o lugar privilegiado da experiência mística e espiritual, configurando o que se pode denominar de bioespiritualidade: um processo no qual o sagrado é vivenciado através da corporeidade.

A bioespiritualidade representa uma vivência intensamente física e psicológica, por meio da qual os sujeitos constroem modos específicos de existência. Tais experiências corporificadas do sagrado atribuem sentido à existência, posicionando o corpo como território de manifestação espiritual. Assim, o corpo, enquanto espaço do devir sagrado, evidencia a presença de princípios espiritualizantes que extrapolam os espaços litúrgicos, afetando estilos de vida e formas de ver o mundo. Trata-se de uma superação do antropocentrismo, como propõe Ingold (2012), em que o humano é reposicionado em uma ecologia do “viver-com”, compartilhando a existência com o não-humano.

Assim, a experiência místico-religiosa pode ser compreendida como um elemento orientador na constituição das novas identidades contemporâneas, mediadas pela integração entre corpo e espiritualidade. A partir da vivência corporal, constrói-se um viés subjetivo que dá sentido às experiências.

Inserida nesse cenário de incertezas, a globalização contribuiu para a padronização e banalização de práticas culturais, afetando diversas esferas da vida cotidiana. Nessa perspectiva, Lipovetsky (2004) observa que a ruptura com os referenciais tradicionais reflete uma desintegração tanto da estrutura social quanto das subjetividades, impulsionando um novo estilo de vida pautado pelo consumo em massa e pela perda de centralidade das grandes narrativas ideológicas da modernidade ocidental.

Para Csordas (2008), o corpo é simultaneamente meio de percepção e experiência, sendo o locus onde se manifestam múltiplas possibilidades de ser humano. Ele o define como corpo fenomenológico, ou seja, um corpo que sente, percebe e expressa significados, funcionando como meio de materialização das experiências humanas.

Desse modo, é possível identificar uma transformação não apenas nas formas de subjetividade, mas também nas maneiras pelas quais ela é experienciada e expressa. Esse movimento surge como resposta aos modelos universalizantes da ciência e à visão biomédica determinista, ampliando a concepção de saúde e bem-estar para além do físico, incluindo dimensões emocionais, mentais e espirituais. Assim, a busca por equilíbrio e felicidade passa a envolver práticas terapêuticas centradas na experiência corporal individualizada e em grupo, que reconfiguram o universo simbólico e oferecem caminhos alternativos de cura simbólica e significado existencial.

Nesse contexto, esse artigo apresenta uma breve análise sobre a emergência de grupos conhecidos como Movimento do Sagrado Feminino e Círculos Sagrados, organizados por mulheres e que podem ser interpretados como uma resposta insurgente contra o paradigma androcêntrico vigente, marcado pela predominância da ciência ocidental e suas estruturas culturais falocêntricas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Do ponto de vista metodológico, esta investigação insere-se no escopo da pesquisa qualitativa, de natureza interpretativa e com caráter exploratório (Minayo, 2009; Gil, 2002). O estudo buscou compreender os movimentos dos círculos de mulheres por

meio de uma análise bibliográfica que articula definições teóricas e conceituais extraídas da literatura especializada. Essa abordagem foi conduzida dentro de uma perspectiva transdisciplinar, conforme os princípios descritos por Nicolescu (1999; 2000), estabelecendo um diálogo entre os campos da antropologia e da psicologia para aprofundar a compreensão do fenômeno em questão.

A pesquisa fundamenta-se em um modelo investigativo que valoriza a experiência vivida pelos sujeitos sociais, adotando uma perspectiva sociocultural para explorar como a interseção entre antropologia e psicologia contribui para o entendimento dos processos simbólicos envolvidos nas dinâmicas sociais contemporâneas, especialmente aqueles relacionados às questões de gênero.

Inspirando-se em Boaventura de Sousa Santos (2008), buscou-se destacar a relevância de um conhecimento situado, que reconhece e legitima as experiências das mulheres em seus enfrentamentos cotidianos contra as desigualdades de gênero. A partir das contribuições de Patricia Hill Collins (2000), a análise enfatiza o papel da experiência como dimensão política e coletiva da ação social, reafirmando a premissa de que “o pessoal é político”.

Nesse sentido, como forma de contribuir para os debates em torno das representações de gênero e de possibilitar a livre expressão de múltiplos modelos de feminilidade na sociedade contemporânea, torna-se fundamental revisitar os processos de construção simbólica do feminino. Tal revisão crítica permite problematizar como determinados discursos, especialmente os de natureza religiosa e científica, historicamente restringiram a mulher a concepções essencialistas, pautadas por um único modelo biológico e psíquico.

A REATIVAÇÃO DO SAGRADO FEMININO COMO RESISTÊNCIA

Atualmente, destaca-se internacionalmente um movimento protagonizado por mulheres, denominado Movimento do Sagrado Feminino. Esse fenômeno articula dimensões de gênero, corporeidade e espiritualidade, particularmente no âmbito da saúde feminina, promovendo uma abordagem

que integra saberes da ginecologia, psicologia e práticas espirituais. O movimento se fundamenta na crítica à patologização histórica do corpo da mulher, propondo práticas corporais como caminhos terapêuticos. Essas práticas são amplamente divulgadas por meio das redes sociais e sustentam seus discursos na crescente valorização da espiritualidade como elemento fundamental para o cuidado em saúde.

Segundo Von Koss (2000), uma das principais estudiosas e representantes do movimento, o Sagrado Feminino emerge da necessidade de despertar, reconectar, curar e empoderar as mulheres, propondo uma libertação simbólica e existencial dos sistemas patriarcais. A proposta inclui a disseminação de conceitos de gênero com o objetivo de promover uma conscientização sobre a energia feminina, muitas vezes ancorada na filosofia oriental da dualidade *Yin* (feminino) e *Yang* (masculino). Para a autora, a valorização e o reequilíbrio dessas forças são essenciais para a constituição de sujeitos saudáveis.

Von Koss (2000) argumenta que a predominância do patriarcado ao longo da história resultou em uma sobreposição da energia masculina, contribuindo para a desconexão das mulheres com aspectos emocionais como amor, compaixão e respeito mútuo. Essa dissociação, segundo ela, está na origem de diversos processos de adoecimento feminino. A resposta a esse desequilíbrio seria o resgate da conexão com os ciclos naturais do corpo da mulher – infância, menarca, sexualidade, maternidade, menopausa e velhice – considerados etapas essenciais para o autoconhecimento e a valorização da experiência com o feminino.

No interior dessa perspectiva, questões como violência de gênero, desigualdade social, machismo e opressões estruturais são frequentemente mobilizadas nos discursos do movimento como justificativas para a adoção de práticas do Sagrado Feminino. A proposta de “cura do feminino ferido” está centrada na autorrealização da mulher por meio do rompimento com padrões culturais considerados opressores. Essa busca por emancipação movimenta um mercado global composto por eventos, viagens, publicações, consultorias e outras práticas voltadas ao fortalecimento da autoestima e da autonomia feminina, frequentemente apresentadas como

estratégias para alcançar felicidade e realização pessoal.

Os conceitos de bem-estar, felicidade, nesse contexto, estão intrinsecamente associados à busca espiritual pela autorrealização, que, por sua vez, se manifesta por meio de experiências corporais capazes de produzir diferentes estados de consciência. A experiência do corpo torna-se, assim, mediadora da descoberta de uma verdade subjetiva, orientando a vivência humana na direção de uma felicidade entendida como um processo de plenitude pessoal.

Contudo, a relação com o corpo ultrapassa a esfera biológica. A corporeidade é compreendida como dimensão fundamental da construção identitária e das relações sociais. As práticas corporais, os gestos, os códigos de comportamento, as expressões emocionais e as percepções sensoriais são elementos que compõem uma gramática simbólica por meio da qual os sujeitos se inserem no mundo. A representação do corpo feminino está, portanto, imersa em imaginários sociais que influenciam modos de ser, sentir e perceber a si e ao outro.

A vivência do mundo acontece a partir de uma experiência incorporada, na qual o corpo desempenha papel central, a que denominamos, a partir de Csordas (2008), bioespiritualidade. É por meio da consciência corporal que as múltiplas dimensões da vida — com suas contradições, tensões e conflitos — tornam-se perceptíveis. Dentro desse escopo, saúde e doença são compreendidas como construções simbólicas produzidas em redes socioculturais, cujas interpretações são constantemente recriadas pelas práticas e experiências dos indivíduos.

Dessa forma, as práticas corporais e terapêuticas promovidas pelo Movimento do Sagrado Feminino representam estratégias de ressignificação da realidade, proporcionando novos sentidos à existência e à vivência do corpo. Essas práticas não apenas reforçam vínculos sociais, mas também mobilizam elementos rituais que influenciam diretamente a percepção dos sujeitos sobre o mundo.

As experiências e representações do corpo feminino, nesse contexto, são deslocadas do domínio privado para o espaço público, onde milhares de mulheres compartilham vivências relacionadas ao ciclo menstrual, à sexual-

dade, à maternidade e à busca por realização pessoal. Esse deslocamento produz uma performance reiterada, que exige constante validação social e posiciona o sujeito como um “personagem” em contínua atuação. Assim, a concepção de corpo saudável ou adoecido passa a ser determinada não apenas por critérios biomédicos, mas pela aceitação e reconhecimento no grupo social, indicando um processo de transformação das percepções corporais e das subjetividades contemporâneas. Na próxima seção trataremos dos círculos de mulheres que, no bojo das práticas que surgem na contemporaneidade como instrumentos de reorientação dos modos de ser e de sentir, despontam e constituem-se em espaços para gerar novas e velhas performances femininas.

O CÍRCULO DE MULHERES E O RETORNO AO SAGRADO EM NÓS

Embora a racionalidade tenha predominado sobre a experiência como princípio organizador da realidade subjetiva, observa-se em determinados grupos contemporâneos uma interseção entre essa racionalidade e a busca pela espiritualidade, especialmente como forma de resistência. Nesse contexto, grupos femininos têm se reunido em círculos com o objetivo de superar a ordem androcêntrica vigente, valendo-se do resgate de saberes tradicionais, frequentemente silenciados pela hegemonia do tecnicismo biomédico e da racionalidade científica (Bolen, 2003).

A ênfase na transformação pessoal caracteriza esses círculos, que se dedicam a práticas orientadas para promover a ressignificação da existência a partir do reordenamento simbólico do universo cognitivo. A valorização da experiência, enquanto elemento regulador da realidade, tem sido central na atuação desses grupos, que são pautadas no conhecimento feminino ancestral como um discurso que visa à superação da condição subalterna imposta pelo patriarcado.

O movimento dos círculos de mulheres constitui uma alternativa espiritualizada às estruturas de poder que historicamente mantiveram as mulheres submetidas à lógica da família patriarcal mononuclear e heterossexual (Bolen, 2003). Nesse processo,

as mulheres, ao protagonizarem mitos em suas trajetórias existenciais, reagem a séculos de silenciamento e dominação, almejando a possibilidade de reverter a narrativa histórica e ressignificar os sentidos de ser mulher.

A figura da Deusa emerge como símbolo e agente desse movimento, manifestando-se no âmbito dos círculos de mulheres e funcionando como instrumento de contestação ao machismo e à subalternização do feminino ao longo da história (Bolen, 2003). A dessacralização do feminino, ocorrida concomitantemente ao amadurecimento dos sistemas patriarcais — sobretudo sob a égide do cristianismo, que deslocou o culto da terra para o céu, rompendo com os ciclos naturais em prol de uma temporalidade linear ascendente —, imprimiu novas configurações sociais e simbólicas (Sennet, 1997).

Segundo Neumann (2006), essa transformação cultural representou a destronamento e a repressão da Deusa enquanto símbolo da sabedoria feminina, que sobreviveu de forma oculta, principalmente por meio de expressões heréticas e revolucionárias. A modernidade reforçou essa marginalização ao associar o feminino a um caráter maligno, refletido na perseguição histórica às bruxas (Muraro, 2000). A ciência moderna, por sua vez, perpetuou a subalternização do corpo feminino ao ancorar-se em pressupostos biológicos e morais herdados da antiguidade (Martins, 2004).

Na contemporaneidade, a Deusa ressurgue nos círculos de mulheres, cujas práticas e desdobramentos constituem formas de resistência contra o patriarcado e as estruturas de poder que perpetuam a lógica da família tradicional (Scott, 1995). Esses círculos propõem a vivência colaborativa da ciclicidade da vida, descentrando o sujeito, e popularizaram-se a partir da obra *O milionésimo círculo* (1999), de Jean Shinoda Bolen, que apresenta um modelo organizacional e prático para esses grupos.

A proposta desses círculos é desestabilizar o paradigma ocidental androcêntrico, que subalterniza o feminino e concentra o poder no masculino. Conforme Bolen (2003), tal iniciativa objetiva desconstruir a lógica ocidental destrutiva, marcada pelo predomínio do patriarcado e da busca por poder e lucro, os quais têm provocado a devastação ambiental e conflitos globais.

Assim, para a autora, os círculos possuem um potencial transformador, representando uma recuperação arquetípica que se renova a cada encontro, acumulando energia para a criação dos círculos futuros (Bolen, 2003). As práticas desses grupos se caracterizam pela desinstitucionalização da experiência espiritual, apresentando afinidades com tradições xamânicas e rituais das religiões indígenas, e visam à desconstrução da lógica linear ocidental, aproximando-se do divino feminino em consonância com os ciclos naturais da Terra e das mulheres.

Para compreender a simbologia do círculo nesse contexto, recorreremos às definições de Chevalier (1986), que destaca o círculo como símbolo de perfeição, unidade e eternidade, representando o ser universal e a dinâmica cósmica entre céu e terra, além de simbolizar a divindade em sua imutabilidade e bondade providencial.

Os círculos de mulheres são concebidos pelas participantes como espaços inclusivos, que acolhem todas as expressões do feminino, abarcando diversidade de gênero, etnia e classe social, além de dialogar com cosmologias variadas. Os encontros são marcados por rituais que evocam vivências capazes de exaltar as diferentes facetas do feminino: a jovem, a mãe e a anciã.

Nesses ritos, o sagrado se manifesta por meio da reatualização de eventos divinos e mitológicos, geralmente representados por figuras sublimes (Eliade, 2010). Essas performances ritualísticas buscam integrar a mulher aos arquétipos da Deusa, que traduzem características primordiais e possibilitam a reorganização da conduta pessoal (Jung, 2000). O eixo dos encontros está na ressignificação e cura do feminino, mediada pelo corpo e pelo sagrado, em consonância com hierofanias representadas pelo mito da Deusa ou da Grande-Mãe, que personifica um poder motivador e um sistema de valores fundamentais para a vida e o cosmos (Campbell, 1990; Eliade, 2010).

O movimento dos círculos de mulheres configura-se como uma filosofia de vida cujas práticas oscilam entre cuidados com a saúde feminina e apelos místico-psicológicos. O estímulo a um estilo de vida saudável, ecológico e alinhado aos ciclos naturais do corpo feminino — menstruação, gestação, menopausa — visa despertar nas mulheres a reconciliação com seus corpos, entendidos

como manifestações da Grande-Mãe e da Deusa.

Nesse sentido, o conceito de Deusa, conforme descrito por Woolger e Woolger (2007), traduz uma representação psicológica do arquétipo feminino, presente em imagens, mitos e comportamentos que expressam a essência do feminino em suas diversas manifestações — da sexualidade ao instinto social transformador. O simbolismo contemporâneo da Deusa implica o reconhecimento da materialidade da vida e da sacralidade do corpo, frequentemente enfatizando a necessidade de aceitação corporal como parte do processo de cura do feminino, recuperando dimensões marginalizadas pelas tradições religiosas judaico-cristãs.

O retorno da Deusa na atualidade dialoga com as críticas à falência do paradigma racionalista moderno e às transformações sociais em curso (Santos, 2008; Bauman, 1999). Inserido nesse contexto, o arquétipo feminino da Deusa emerge nos movimentos femininos contemporâneos como símbolo de força e resiliência, respondendo a séculos de dominação patriarcal com formas diversificadas de expressão (Whitmont, 1984). Para o autor, a Deusa retorna como agente de mudança, valorizando o feminino e promovendo a integração de um novo mitologema divino materno capaz de aliviar os traumas culturais impostos à mulher.

Assim, o mito da Deusa ressurgiu do inconsciente coletivo como modelo interpretativo que expressa os anseios das mulheres contemporâneas, impulsionando movimentos femininos globais que buscam resgatar a espiritualidade feminina historicamente reprimida. Nesse processo, as mulheres protagonizam mitos em suas jornadas, buscando alterar sua trajetória e ressignificar a experiência de ser mulher.

As práticas dos círculos de mulheres indicam, portanto, um retorno simbólico à mulher primordial, configurando um processo transformador de cunho mais psicológico que religioso (Jung, 2002). Por meio de rituais e vivências não institucionalizadas, busca-se ressignificar o imaginário feminino que fora subjugado pela cultura patriarcal, e cujo impacto se traduziu em um enclausuramento da alma feminina nas sombras da modernidade.

Embora a emancipação da mulher contemporânea, conquistada por meio dos movimentos feministas, tenha ampliado sua inserção no mercado de trabalho, a autonomia sexual e os direitos políticos, o discurso subjacente aos círculos evidencia que a superação da opressão de gênero deve também abarcar dimensões subjetivas e espirituais, refletindo uma psicologização das experiências da diversidade de femininos.

A opressão histórica resultou em marginalização e sentimentos negativos internalizados pelas mulheres, tais como autoaversão, baixa autoestima e culpa, que se naturalizaram como traços de personalidade feminina e se manifestam em relações desiguais pautadas por ciclos de dominação e subordinação (Waldow, 1996). Tal quadro revela o sofrimento psíquico decorrente das desigualdades de gênero.

Enquanto o movimento feminista tem vigorosamente pautado a voz política e os direitos das mulheres, os círculos se destacam por sua proposta integrativa e inclusiva, buscando a reintegração do feminino por meio da experiência corporal e espiritual. A conscientização da opressão é o elemento-chave para a ressignificação da experiência da mulher. Nesse contexto, os círculos se organizam como uma continuidade contemporânea das conquistas feministas, configurando-se como ferramenta de empoderamento baseada na reconexão individual, onde a experiência espiritual atua como motor de transformação das desordens psíquicas causadas pela opressão de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da negação de outros saberes, a ciência moderna consolidou sua soberania epistêmica, relegando à inferioridade outras epistemologias, consideradas como reminiscências arcaicas do passado, incluindo nesse bojo as práticas femininas de cuidado que foram destituídas de valor e absorvidas pela medicina moderna.

Nesse processo, a progressiva ressignificação feita pela cultura patriarcal e a transformação das crenças sobre o feminino investiram na dessacralização da mulher e em sua relação com o mal. Tal relação se configurou por intermédio de agentes simbólico-discursivos naturalizados e reproduzidos pela cultura por meio da demonização

do conhecimento feminino, carregando-o de símbolos negativos impressos no imaginário coletivo. O falocentrismo falhou, adoeceu, limitou e subalternizou todos os femininos de todas as espécies, estamos todos adoecidos, humanos e natureza.

Nesse caminho, o Movimento do Sagrado Feminino floresce como uma cultura do bem viver e vem resgatar saberes ancestrais e religar a mulher contemporânea ao todo, trazendo de volta a legitimidade dos saberes impressos na alma feminina. Os Círculos de Mulheres vêm eclodindo na contemporaneidade como uma reação ao poder opressor do patriarcado androcêntrico e parece reunir em torno de um ideal grupos de mulheres dispostas a “curar” suas “feridas” interiores e ressituar o conhecimento sobre o feminino sob a tutela das próprias mulheres, na tentativa de reorientar as práticas de cuidado.

Dessa forma, os Círculos de Mulheres podem ser considerados um ato político, pois luta contra os fantasmas que ainda habitam a alma feminina, e, nesse bojo, parece importante destacar a relevância do protagonismo que a espiritualidade assume em torno das articulações que fazem parte da pauta de reivindicações desses grupos de mulheres.

Nesse ponto, a espiritualidade desponta como elemento que perpassa os sentidos, dando voz às demandas dos grupos de mulheres que identificam as questões de gênero a aspectos espirituais e psicológicos. Ao resgatar mitos e atualizar ritos, o Movimento dos Círculos de Mulheres permite a problematização das questões que envolvem a individualidade do “ser mulher”, trazendo luz à noite escura das questões

femininas, adormecidas no emaranhado de crenças que subjugaram e paralisaram a mulher frente à violência simbólica impressa pelo poder falocêntrico.

Nessa medida, parece urgente um debate sobre a construção histórica e cultural da relação da mulher com o sagrado na sociedade, pois dessa associação despontam alguns dos valores que norteiam a sociedade e perseguem as mulheres até os dias atuais, pois a cultura é o viés que perpetua a subalternidade feminina em suas diferentes dimensões. Consideramos que o resgate do feminino pelas vias do sagrado pode ser tomado como um dos caminhos da luta política pela descolonização da lógica patriarcal e do inconsciente coletivo feminino.

Ao passo que as discussões sobre as desigualdades de gênero gestam nesses grupos de mulheres as bases do pensamento crítico, essas mulheres são transformadas em novos sujeitos políticos e conscientes. Desse modo, no bojo das transformações do mundo contemporâneo, a articulação entre gênero e espiritualidades parece funcionar como um instrumento de empoderamento feminino.

Logo, resgatar a subjetividade do feminino despertada por questões da ordem espiritual pode ser considerado um ato político que dialoga com a antropologia e psicologia no âmbito das discussões sobre as temáticas de gênero. Por essa razão, acreditamos que o fim das iniquidades e das desigualdades de gênero passa necessariamente pela transformação da cultura de ódio ao feminino e isso se dá obrigatoriamente pela resignificação das crenças sobre a mulher que foram disseminadas culturalmente na sociedade.

REFERÊNCIAS

BARROS, V. A insurgência do círculo de mulheres na contemporaneidade como revanche à opressão patriarcal. **Veredas - Revista Interdisciplinar de Humanidades**, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 65-85, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unisa.br/index.php/veredas/article/view/509> . Acesso em: 23 ago. 2025.

BARROS, V. Sagrado feminino e experiência corporal: representações do eu em mídias sociais. **Revista Comunicação, Cultura E Sociedade**, 9(1), 2024. <https://periodicos.unemat.br/index.php/ccs/article/view/11800> Acesso em: 23 ago. 2025.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

- BOLEN, J. S. **O milionésimo círculo**: como transformar a nós mesmas e ao mundo: um guia para círculos de mulheres. São Paulo: TRIOM, 2003.
- BOURDIEU, P. **escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2007.
- CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- CHEVALIER, J. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.
- COLLINS, P. H. **The black feminist thought**. Londres: Routledge, 2000.
- CSORDAS, T. **Corpo/significado/cura**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2014.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- INGOLD, T. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/JRMDwSmzv4Cm9m9fTbLSBMs/?lang=pt> Acesso: 21 de setembro de 2022.
- JAPIASSU, H. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- JUNG, C. G; SILVA, D. M. R. F (trad.). **Psicologia e alquimia**: estudos alquímicos. v. 13. Petrópolis: Vozes, 2002. (Obras completas de C. G. Jung.)
- KOSS, M. Von. **Feminino + Masculino**: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades. São Paulo: Escrituras, 2000.
- LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri: Manole, 2004.
- LYOTARD, J. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- MARTINS, A. P. V. **Visões do feminino**: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2004.
- MINAYO, M. C. De S. **O desafio da pesquisa social**. In: Minayo, M. C. De S. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.
- NEWMANN, E. **A grande mãe**: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente. São Paulo: Cultrix, 2006.
- NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. L. P. Souza (Trad.). São Paulo: Triom. 1999. Disponível em: http://www.ruipaz.pro.br/textos_pos/manifesto.pdf Acesso em 23 de agosto de 2025.
- NICOLESCU, B. Um novo tipo de conhecimento: transdisciplinaridade. **Educação e transdisciplinaridade**, 1(2). 2000.
- PEIRANO, M. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- SANTOS, B. de S. **Introdução a uma ciência pós-moderna**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- SANTOS, B. S. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2008.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Brasil, v. 20, n. 2, p. 71-99. mar. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721> Acesso em: 31 maio. 2023.

SEGALEN, M. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

SENNETT, R. **De carne e pedra**. São Paulo: Record, 1997. MURARO, 2000.

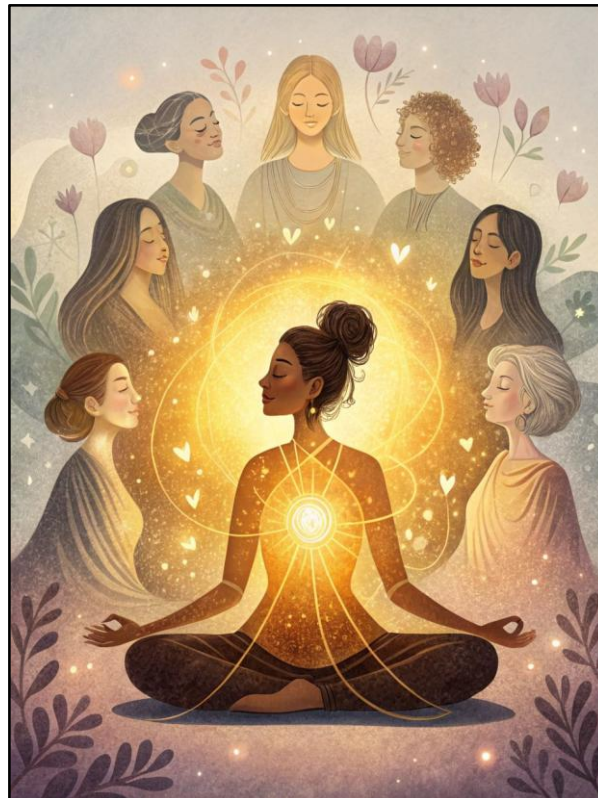
SPENGLER, O. **La decadencia de Occidente. Una morfologia de la Historia Universal**. Madrid: Espasa Calpe, 2009.

WALDOW, V. R. Mecanismos de opressão: uma questão de gênero. **Cogitare**

Enfermagem, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 64-69, jul./dez.1996. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/8760>. Acesso em: 31 maio. 2023.

WHITMONT, E. C. **O retorno da deusa**. São Paulo: Summus, 1984.

WOOLGER, J.; WOOLGER, R. **A deusa interior: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas**. São Paulo: Cultrix, 2007.



Fonte: Pinterest